



Entrevista com a Professora Luiza Beth Nunes Alonso da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasil

1. Nos últimos anos tem havido um grande incentivo dos órgãos brasileiros de coordenação e monitoramento de pesquisas científicas – como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) –, na publicação de periódicos, com financiamento e apoio técnico para formatação científica de revistas. Com isso houve também um incentivo ao aumento do rigor para o reconhecimento das publicações como científicas. Em sua opinião, o que um movimento social de caráter não científico, como o movimento das Apaes, deve buscar lançando uma revista dentro dos requisitos apontados por esses órgãos e quais os benefícios que essa iniciativa pode trazer ao movimento?

Dentre as mudanças ocorridas nos últimos tempos, houve um aumento da sensibilidade da academia em relação às especificidades e demandas dos movimentos sociais. Revistas comprometidas com causas sociais podem ser consideradas como de difusão científica. Elas não têm como foco principal os resultados de pesquisas realizadas nas universidades, mas podem desempenhar um papel importante ao levar para a sociedade resultados de pesquisas científicas, e para a academia os interesses de grupos sociais.

2. Em sua história, as Apaes têm sido campo de pesquisa na área de deficiência intelectual e múltipla de várias universidades e institutos de pesquisas, somando uma série de dissertações, monografias e pesquisas científicas. Como a senhora vê a relação entre as experiências sociais dos movimentos de luta e defesa de direitos e atenção às pessoas com deficiência em relação à produção científica no Brasil?



A iniciativa da Apae em também divulgar seu conhecimento proporciona o protagonismo dos que possuem e trabalham na área de deficiência intelectual e múltipla. O trabalho de parceria pode ser expandido; a Apae gradativamente passará a participar da agenda dos trabalhos científicos, um aprimoramento da isonomia nas parcerias existentes e futuras.

3. Segundo dados internacionais, a América do Sul ainda está muito atrás da Europa e da América do Norte em números de periódicos científicos e de artigos publicados em revistas internacionais. Em sua opinião, quais as principais dificuldades dos periódicos sul-americanos e dos pesquisadores desta região em relação à publicação de suas pesquisas em periódicos internacionais?

Temos pouca tradição em publicação de resultados científicos em revistas internacionais, e há poucas revistas brasileiras consideradas de alta qualidade no âmbito mundial. Essa situação está mudando, mas isso leva tempo. Não adianta revistas na quais apenas brasileiros publiquem. É preciso mobilizar a academia científica internacional.

Em paralelo, dentre as dificuldades encontradas para se publicar em revistas internacionais de reconhecida qualidade, estão a pouca familiaridade com as exigências editoriais e com a escrita de texto científico em inglês e o custo para a avaliação do texto pelas revistas internacionais.

4. Em sua opinião, qual a relevância da Revista Apae Ciência ter optado pelo sistema Open Journal System, adotando um formato totalmente *online*?

Com essa opção a Revista Apae Ciência amplia de forma exponencial o seu público. Objetivamente, todos os interessados terão acesso, mas será preciso algum tipo de campanha para que as pessoas saibam da existência da revista.



5. Qual deve ser a motivação da Revista Apae Ciência para buscar a indexação por repositórios de revistas nacionais e internacionais?

A indexação não ocorre por iniciativa das revistas, mas sim pela notificação da publicação de artigos de pesquisadores na revista no relatório anual enviado pela CAPES. A notificação é feita pelo diretor do curso ao qual o pesquisador está vinculado.